



A Partilha

Vê-se que é irresistível. Um ser humano senta-se ao nosso lado, sem outra credencial. Existe e está ali. Convictamente faz um comentário. Sobre não importa o quê. Tudo ponderado conclui que as palavras tinham sido proferidas. Para serem escutadas por quaisquer ouvidos. (...) Em busca da alegria de partilhar. E descobrindo também, nessa ânsia, como é difícil dar. Porque ninguém aceita facilmente a experiência dos outros. (...) Foi testemunha, e pensa ter entendido alguma coisa que seria útil para todos. Precisa de lavar o seu depoimento. Dizer.

Adriano Moreira, *Tempo de Vésperas*, 1992

¹ Cristina Margarida Barata Godinho Tavares Salgado é doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade Complutense de Madrid; Licenciada em Ciências Sociais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas; Licenciada em Serviço Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social, Lisboa. Foi investigadora do INETI. Actualmente, é Professora da Universidade Católica Portuguesa; Coordenadora do Gabinete de Avaliação e Desenvolvimento Profissional (GADEP) da Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Católica Portuguesa; Consultora, no âmbito de Avaliação de impacto de projectos de formação/educação, Design e mapeamento de Competências. Realizou estudos no âmbito da formação/educação e tem publicado livros e artigos em revistas neste domínio.

Há sempre alguém que se sente ao nosso lado. Na vida. No tempo. Na paz ou no sofrimento. Na certeza ou na incerteza. Mas é sempre alguém, que carrega o peso de um percurso feliz ou de sofrimento, mas que precisa de falar e, sobretudo, de ser escutado. De comunicar.

Comunicar é isto; é partilhar, com as palavras, com o corpo, com os gestos, com o sorriso, ou com as lágrimas. É estar ali, no lugar certo, disponível para viver com o outro um percurso único, irrepetível, diferente em cada momento, mas suficientemente aberto para desembocar no encontro apetecido de pessoas que, independentemente das circunstâncias, testemunham disponibilidade para respeitar a pessoalidade do outro, sem juízos de valor, nem críticas.

E fazemos isto como? Usando palavras, sem dúvida. De palavras feitas, de palavras próprias ou daquelas que as circunstâncias nos sugerem; mais ou menos adequadas ou oportunas, mas sempre aquelas que conseguem ser acompanhadas do gesto e da expressão que melhor traduzem o nosso sentir. Um simples olhar sereno e compreensivo. Um aperto de mão ou uma carícia oportuna, um abraço que permite deixar passar a energia ou a compreensão, necessárias naquele momento.

E ficamos assim, em atitude de comunicação, de partilha, de interacção com o Outro.

Tem sido sobre esta realidade, muito humana e naturalmente muito comum, que os investigadores vão delineando contornos diversos, descodificando atitudes, procurando entender comportamentos, interpretando emoções e estádios do *ego*, enquanto avaliam formas, entoações, espaços, movimentos, representações e culturas, necessários à definição de modelos de comunicação, à enunciação de teorias, em suma, à construção da ciência da comunicação humana.

Qualquer que seja a situação comunicacional (face-a-face ou mediada...), a pessoa será sempre o alvo e o agente do processo comunicativo. Aprender a conhecer e a interpretar cada ser humano, enquanto detentor de um potencial próprio e de um percurso de vida único, poderá constituir uma ajuda relevante, no entendimento de si próprio e do mundo dos outros.

No dizer de Damásio (1) “*O ser humano detém a capacidade de poder ser simultaneamente espectador, entendedor, conhecedor, pensador e possível actor*” (1), fazendo desses atributos pilares de suporte, ao longo de todo o seu itinerário de evolução e desenvolvimento pessoal.

Entender a comunicação, como um objecto de estudo científico, mas também como um instrumento ao serviço da humanização e suavização da vida em comum, é enveredar, de forma sábia, por um caminho no qual o ser humano se constitui como um *pensador* ou como um *espectador*, mas também como *um entendedor* e *um actor*, *assumindo-se* como elemento activo, de continuidade ou de mudança, face àquilo que viveu e foi objecto da sua descoberta pessoal. E tudo o que entendeu e conheceu, constituiu o fruto (...) “do modo como entramos na luz pela consciência do protagonista, o sentido do si, acerca da transição da inocência e da ignorância para o conhecimento e para a personalidade”. (2) Através do confronto com o mundo e com os outros. Dando sentido às coisas, à vida. Falando... Informando... Comunicando.

“A fala é a expressão sonora e a comunicação partilha as emoções e flutuações íntimas do ser humano. A palavra é expressão. (...) A informação é o facto (o processo que põe em interacção o facto ou o acontecimento) e o acto. A informação aparece assim como medida e como conteúdo da comunicação. A informação é a mensagem transmitida sob a forma de processo... A comunicação é existencial. Os actos comunicativos são singulares e irrepetíveis... A comunicação não é algo fechado e estável, mas aberta e inacabada”. (3) A comunicação pressupõe acção, inserida em cenários e circunstâncias concretos. O *agir comunicacional*, tal como é apresentado por Habermas (4) assenta em regras, partilhadas e, de certo modo, determinadas pela sociedade e pelos grupos, com dois objectivos:

“-A compreensão dos conteúdos e formas de linguagem, validadas pelo contexto;

-O sucesso destinado à comunicação técnica, social, estratégica, constituindo apoio instrumental à prossecução de objectivos diversos”.

A comunicação é desejavelmente um processo de socialização, ao serviço da transmissão e partilha de regras, valores que vão evoluindo ao longo do percurso de desenvolvimento de cada ser humano, constituindo um factor crucial na consolidação da estrutura da personalidade. Na visão de Goffman (5) “... O agir individual é resultado do sistema social e a ele responde, em função de solicitações e exigências requeridas. As relações quotidianas, as interacções sociais, são produto da influência de padrões sociais que influenciam o modo como cada indivíduo representa e se transforma em actor do seu papel social.”

Anteriormente, este autor, havia já perspectivado o processo de comunicação como um dialecto corporal e linguístico, requerido pelo contexto onde decorrem as interacções,

(palavras, comportamentos e atitudes, sinais simbólicos) mas sobretudo engendrado pelo modo como, cada um, deseja ser percebido pelos outros. Quer se trate da representação assumida do seu próprio estatuto quer do modo como pretende impressionar os demais. Será neste contexto que emerge o conceito de *metáfora teatral* (6), traduzindo a forma como os seres humanos encenam as suas relações e onde o produto social e cultural aparece reflectido por comportamentos específicos, (*actor cínico e actor sincero*) como resposta às diferentes situações e papéis que cada um é chamado a desempenhar (... preparadas no "bastidor", para apresentar no "palco", em função da "audiência" a quem se destinam). Fundamenta o seu estudo, metaforizando a máscara, numa representação teatral, de contornos mais ou menos dramáticos. Os outros, potenciais destinatários da mensagem, mesmo que não detenham toda a informação de que precisam acerca de um determinado indivíduo, serão, inevitavelmente, impressionados por ele.

Abordará ainda, o autor em referência, uma faceta do relacionamento humano que em muito se encontra associada a factores que são a causa da inabilitação de uma pessoa, para ser aceite, na sociedade de que faz parte. Essa circunstância, denominada por Goffman como *estigma* (7), acarretará um cariz negativo, uma vez mais fruto da informação que cada um veicula acerca de si próprio, (deficiências físicas, razões de natureza étnica, traços de personalidade ou ainda criadas por determinadas situações de vida) numa dada sociedade, onde vigoram categorias e preconceitos sociais instalados. A identidade social, expectável para cada pessoa, será o factor de aferição entre aquilo que cada pessoa é (identidade social real), e aquilo que deveria ser (identidade social virtual), no quadro de referência vigente num dado momento e num contexto social específico, quadro esse constituído a partir de atributos, estereótipos e normas em vigor. Ser diferente dos demais, pode traduzir-se em descrédito, discriminação, desvantagem, enfraquecimento...

Quaisquer que sejam os contornos do estigma, sempre que ele exista, a relação pessoal e social altera-se, originando posições de afastamento de uns, ou atitudes defensivas de outros, mas comportando, inevitavelmente, cenários de sofrimento e de desencanto, quiçá de quem o promove, mas também, de quem é objecto de uma relação estigmatizante.

A exemplificação, apresentada por de Zawadski e Lazarsfeld (8,) para ilustrar a carga estigmatizante que o desemprego tem associada, nos dias de hoje, vem provar o que acabou de ser afirmado:

"Como é duro e humilhante carregar a fama de um homem desempregado! Quando saio, baixo os olhos porque me sinto totalmente inferior. Quando ando na rua, parece-me que

não posso ser comparado a um cidadão comum, porque parece que toda gente aponta para mim. Instintivamente evito encontrar qualquer pessoa. Conhecidos e amigos antigos, deixam de ser cordiais. Saúdam-me com indiferença. Já não me oferecem cigarros e os olhos parecem querer dizer: deixou de ter valor. Já nem tem trabalho...”

Nos dias de hoje, a leitura deste excerto, desencadeia ainda sentimentos, denunciadores de mágoa, de inferioridade e de desespero. Neste exemplo, como em outros similares, o estigma será sempre, um agente devastador das relações entre seres humanos, porquanto cada pessoa, independentemente da situação que vive, necessita que, quem quer que seja que entre no seu mundo pessoal, o deva fazer em moldes que lhe permitam sentir-se reconhecida, na sua integridade e na sua dignidade.

Comunicar, falando ou apenas expressando-se, pelo gesto, pelo comportamento, implicará sempre uma vivência envolvente dos agentes em interação. Acerca desta questão, Birdwhistell (9) afirma que “O indivíduo não comunica; ele envolve-se na comunicação ou torna-se parte da comunicação... Por outras palavras, ele não origina a comunicação; participa nela. Portanto, comunicação não deve ser entendida como um simples modelo de ação/reação, por mais complexamente que seja descrito. Como sistema, tem de ser compreendido no nível transacional”. Transacionamos, de facto, estádios do *ego*, enquanto lhes associamos, sentimentos, emoções, gestos e expressões. Testemunhamos alguns desses estádios, encenado e apresentando sempre diferentes comportamentos.

E, como *o comportamento não tem oposto* - dirá Watzlawick (10) - o ser humano está em permanente comunicação com o mundo circundante.

Para este autor, a comunicação é comportamento, ou seja, “é tudo aquilo que pode ser observado, (...) decorrente do relacionamento social”. E este relacionamento, quer seja expresso pela palavra ou pelo gesto, exprime uma forma de linguagem própria. E a linguagem tem lugar “num processo contínuo e que existe enquanto se fala, não podendo ser considerado como um item isolável do comportamento”. (11)

Cada ser humano faz-se no seu devir histórico, na interação entre o biológico e o cultural. A identidade pessoal constrói-se na liberdade individual, mas apoia-se em constantes mutações que a cultura e saber, em cada tempo, proporcionam. Vivenciar novas experiências estruturadas sobre processos adequados - informacionais e comunicacionais - estimularão o potencial da natureza humana, rico em capacidades e aberto a possibilidades. Cada ser vivo tem um modo diferente de assimilar essas experiências, enquanto detentor de diferentes

padrões e caminhos de organização individual, rumo a um projecto individual de vida. Daí que, a significação dada por cada um, a cada porção de informação, tenha contornos irrepetíveis, mas também mutáveis, ao longo da vida, edificados sobre processos permanentes de assimilação pessoal e, por isso também, alvo de interpretações subjectivas.

As relações humanas originam comportamentos e emoções diferentes, em função da actividade concreta em que o individuo se encontra envolvido - relações de dependência, de obrigação, de manipulação ou relações de compreensão e de amor - relações estas que variam e evoluem de acordo com a forma como cada pessoa se encontra posicionada e se confronta com o meio ambiente circundante. O percurso de variação e de evolução individual, plasmado num cenário muito pessoal e único, justifica o motivo pelo qual, cada ser humano, tem necessidade de sentir que lhe é dado espaço para se tornar aceite e compreendido, como um rosto, uma presença, uma história, um itinerário de vida.

Será pelo diálogo construtivo que se vai tornar possível abrir caminhos de entendimento, colocando o ser diante de outro, numa relação eu-tu, alicerçada no respeito pela personalidade e na salvaguarda da intimidade de cada um. E será com esta roupagem de exigência que emergirá um ser humano, desejavelmente tranquilo, cooperador, capaz de gerar relações de confiança mútua, baseadas no respeito pela legitimidade do outro, preocupadas com esse outro.

No dizer de Ilharco (12): “No mundo, nós, homens, *Daseins*, somos peritos na própria acção no mundo, porque o mundo e o ser-aí, são duas distinções do fenómeno primário, único, e que surge sempre como um todo e primeiro que é o ser-no-mundo que nós somos. Assim no-mundo, estamos já em acção (...) Ou dito de outra forma, a acção é o mundo feito humano, na linguagem, no significado, na abertura do que pode ser, do que pode vir, das possibilidades que o mundo pode trazer.”

A acção humana é assim, produto do homem no mundo com outros, mas também representativa de uma criação muito própria e única, fruto do modo como cada um assume, organiza e assimila aquilo que o cerca. Por ser auto-informante, cada homem tem em si a capacidade de interpretar a informação que lhe chega e agir sobre aquilo que o rodeia, com um cunho próprio e “dando forma” a tudo o que percebe e envolve, imprimindo-lhe sentido.

A visão complexa e multidimensional do ser humano, integra um conjunto de componentes fundamentais e interdependentes: “(...) biológicas (cuja unidade é o organismo); intelectuais (cuja unidade é a pessoa); sociais e relacionais (cuja unidade é o cidadão) e

simbólicas (cuja unidade é o ser) ... Será sobre esta multiplicidade de dimensões humanas que deve ser edificada uma educação sistémica”, (13) onde cada pessoa, independentemente das suas características, estatuto ou grau de evolução, é estimulada a procurar e a servir-se de novas informações, integrando-as na vida, de acordo com a oportunidade e as necessidades próprias.

Das referências feitas, emerge e consolida-se o horizonte da comunicação pragmática, alicerçada na interface da linguagem - falada ou expressa - e do comportamento.

Envolver-se em estratégias comunicativas, consigo próprio e com os outros, é algo que constitui um esforço conjugado de palavras, de expressões e de gestos, capazes de estimular e consolidar pontes de aproximação e empatia entre os seres humanos

É partilhando, comunicando, que podem ser criadas oportunidades, que confirmem e promovam a dignidade e finalidade ontológica do ser humano, lidando, com delicadeza, as palavras e as expressões, tornando-as *ferramentas eficazes*, nos momentos certos, capazes de encetar episódios reveladores do respeito que nos merece qualquer pessoa, independentemente da circunstância em que decorre a sua vida. E será pela palavra, pelo gesto, pela atitude, que o ser humano poderá experimentar e estimular o seu potencial para criar novas relações, embora de formas sempre diferenciadas e em circunstâncias igualmente diferenciadas.

Será ainda este potencial de energia pessoal, gerador de interacção, de aperfeiçoamento e de mudança, que criará espaço ao desenvolvimento de relações (inter) pessoais, (inter) grupais ou (Inter) comunitárias, capazes de suscitar mudanças no sistema humano e social, colocando-as ao serviço de projectos, desejavelmente vocacionados para servir pessoas, tornando-as felizes.

Maturana, ao apresentar, os resultados do estudo centrado nas raízes biológicas e na organização do sistema neurológico do ser vivo, abre novas perspectivas, ao conhecimento do comportamento humano. Mas as suas reflexões deixam-nos sobretudo a profunda marca de alguém que assume um modelo humanista e o aplica no processo de comunicação.

De facto, a ênfase dada às vertentes éticas e sociais, ao modo como ajuda a perceber a relação entre a mente, a cultura e a vida, colocam-nos perante uma nova representação do mundo e da pessoa, responsabilizando, cada um, pelo crescimento e a evolução do outro. Integra e pressupõe um conjunto de atributos, estimuladores, por um lado, da responsabilidade, da liberdade, da convivência sã e, por outro, o aproveitamento adequado

das emoções e sentimentos com o respeito por si próprio, como factores primordiais do desenvolvimento humano. Enfatiza mesmo, o risco de (...) *ficarmos enfermos quando nos é negado o amor*. (14)

É neste contexto que Maturana alicerça o conceito de *Biologia do Amor* que, pese embora o facto de ter sido enunciado em torno da comunicação no contexto da aprendizagem, tem a consistência necessária para ser estendido às questões relacionadas com a generalidade de situações determinadas pela comunicação humana, independentemente da circunstância em que decorre. E em que consiste, para este autor, a *Biologia do Amor*?

Subentende a flexibilidade para poder entender o mundo dos outros, assente na humildade, por parte do interlocutor, em contacto com uma realidade de vida específica; apologiza o sentido da responsabilidade de cada um, na construção de um mundo diferente, mas sobretudo, torna implícita a obrigação de partilhar o conhecimento e a vida com aqueles que surgem no nosso caminho, nomeadamente aqueles que nos estão confiados. Significará: (...) *treinar as emoções e o entendimento (do outro), de modo a saber interagir, sem corrigir o seu ser, contribuindo para a ampliação dos seus conhecimentos reflexivos e da sua capacidade de acção, apenas corrigindo o seu fazer e não o seu ser* (15).

Neste ambiente relacional, será possível consolidar valores, testemunhando, através de situações assumidas e experimentadas, o modo e o sentir que arrastam consigo o gosto de estimular as pessoas a tornarem-se os principais agentes do seu próprio desenvolvimento, *aceitando a legitimidade do seu ser, (...) para mudar o seu fazer*. Só assim se poderá falar de interacções construtivas e do *prazer da convivência*, preocupando-nos com os outros e com as consequências dos seus actos. Qualquer que seja o cenário de vida. E tudo isto porque, no dizer do autor, “nós somos animais amorosos”.

Num parágrafo com que Maturana termina uma obra sua (16) encontrámos concentrada a filosofia que preside a toda a teoria apresentada:

“És o único, ser humano, entre todos os animais terrestres que podes soltar as tuas certezas em qualquer momento e deixar que a biologia do amor te guie ou alienares-te nelas destruindo a tua liberdade reflexiva. És o único, ser humano, que na reflexão pode ser livre e ético em teu viver, mas nesta tua unicidade és uma anomalia, pelo menos na biosfera terrestre, que flui sem sentido num devir no qual a reflexão, liberdade e ética não entram até que tu apareças”.

A comunicação humana, objecto de pesquisas científicas exaustivas e complexas, necessárias à consolidação de princípios, conceitos e técnicas, emerge de coisas simples da vida. Existe desde sempre, desde que o homem é homem e as pessoas se encontram, nos mais diversos recantos da vida.

Afecta-nos profundamente saber que há gente como nós (e sempre haverá) carente de tudo ou do essencial, junto de quem falta uma palavra ou um gesto solidário, que testemunhem *a legitimidade do seu ser* e o respeito *pele seu fazer*.

Muito se tem feito. Muito resta ainda fazer. Mas aquilo que se mais impõe, é que tenha lugar uma mudança cultural na forma de vivenciar o relacionamento humano, sedimentada sobre um conjunto de símbolos significativos, onde a cada ser humano, sejam dados motivos e oportunidades para que, através da partilha de imagens, experiências e afectos, se possam edificar as necessárias condições de entendimento, entre cada narrativa pessoal e a dos outros. A cultura, com os contornos referidos, constituirá uma plataforma e um meio para ajudar a melhor entender o Outro, criando e desenvolvendo relações afectuosas, onde a “arte” de saber comunicar, assentará no mútuo respeito, na honestidade, no gosto de conceber e construir percursos de vida partilhados, criando lugar para a livre expressão dos sentimentos e das emoções, próprias e dos outros, representativas de algo que é preciso preservar e respeitar- a dignidade inerente à condição humana. Em poucas palavras, aprender a implementar uma cultura que transforme o *homo sapiens, num ser* que sabe igualmente tornar-se *amoroso e cooperante*.

E terminamos, transcrevendo de novo, Adriano Moreira-, ao descrever uma situação de alguém que poderá *ficar – deveras - enfermo* quando *lhe é negado o amor*.

“Humildemente sentado num canto da vida, viu acontecerem coisas grandes que outros mandaram. Ninguém lhe perguntou pela sua vontade, opinião ou gosto (...) Sentado no banco do elevador, de pé à bancada da oficina, guardando a porta, levando papéis de escritório em escritório, varrendo o chão, tirando o lixo, puxando a cera, espelhando metais, vigiando a rua, distribuindo correio - coube-lhe passar pela vida calado e vendo..... (...) E então, irresistivelmente, sem escolha, sentado ao lado de quem não sabe, faz o seu comentário. Transmite a sua descoberta. Partilha a experiência. Testemunha. E parece que isso lhe dá tranquilidade.” (17) Esta tranquilidade, que resulta tão só do facto de, alguma vez, se sentir ouvido e compreendido... mas, sobretudo, de sentir estimado como Pessoa.

Referências Bibliográficas

- (1) Damásio, A, (1994) *O sentimento de si*, Lisboa: Publicações Europa-América
- (2) *Idem*
- (3) Sanchez-Bravo (1981) *Tratado de la estructura de la información*, Madrid: Editorial Latine
- (4) Habermas, Jürgen, (1987) *Théorie de l'agir communicationnel*, Paris: Fayard
- (5) Maturana, H e Varela(1980), *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living*, D. Reidel Publishing Company
- (6) Goffman, E (1973), *Apresentação do eu na vida cotidiana*, Lisboa: Editora Relógio de Água
- (7) *Idem*
- (8) Zawadski, S. e Lazarsfeld, P., (1935) The Psychological Consequences of Unemployment, *Journal of Social Psychology* (VI, 239)
- (9) Birdwhistell, R, (1970), *Kinesics and Context, Essays on Body Motion Communication* Philadelphia: University of Pennsylvania Press
- (10) Watzlavick, P., Beavin, J., Jackson,D., (1993) *Pragmática da Comunicação Humana*, Lisboa: Editora Cultrix
- (11) *Idem*
- (12) Ilharco, F. (2003), *Filosofia da Informação, Uma introdução à informação, como fundação da ação, da comunicação e da decisão*, Lisboa: Universidade Católica Editora
- (13) Maturana, H., Rezepka, S., (2000) *Formação Humana e Capacitação*, Petrópolis: Editora Vozes.
- (14) *Idem*
- (15) *Idem*
- (16) *Idem*
- (17) Moreira, A. (2009), *Tempo de Vésperas*, Lisboa: Ed. Almedina